

EUA pedem que Zélia seja mais flexível

Subsecretário do Tesouro revela que recomendou início das negociações com bancos

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — A posição mais flexível do governo em relação ao problema dos juros em atraso com os bancos credores internacionais evidenciada pelas declarações da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, em Washington, foi influenciada, em parte, pelo desejo de preservar o apoio político do governo americano ao programa econômico. “Nós pedimos às autoridades brasileiras que mantenham uma mente aberta em relação à retomada do pagamento de juros aos bancos”, disse ao **Estado** o subsecretário do Tesouro David Mulford. Fontes oficiais brasileiras haviam afirmado, nas últimas semanas, que o governo não consideraria a questão dos juros atrasados antes de obter dos credores um acordo global de renegociação da dívida externa.

O diálogo entre o governo e os bancos foi reiniciado no mesmo dia com um encontro entre o negociador da dívida brasileira, embaixador Jório Dauster, e o presidente do comitê de bancos credores, William Rhodes, do Citicorp. A ministra evitou excluir a hipótese de o País vir a efetuar logo um pagamento de juros. Preferiu deixar um bom espaço de manobra, afirmando que o governo decidirá como proceder em relação aos atrasados com os bancos somente depois de concluir a revisão do orçamento. Fontes dos bancos credores notaram, com agrado, a mudança de ênfase da ministra.

“Não fizemos exigências nem qualquer demanda”, afirmou Mulford, notando que Washington continua a ter uma opinião “muito positiva” sobre o programa econômico do governo Collor. “Apenas dissemos à ministra que com a passagem do tempo o problema dos atrasos de pagamentos pode tornar-se insuperável e sugerimos que o governo brasileiro use a oportunidade que é oferecida hoje pelos bancos e busque um entendimento”, afirmou o subsecretário.

Segundo Mulford, o que Washington espera do governo brasileiro não é a solução imediata para o problema, com um pagamento de toda a conta, mas o início das negociações. Se isso ocorrer e o Brasil já estiver em processo de negociação com o FMI, diminuirão substancialmente os riscos de uma reclassificação dos ativos brasileiros dos bancos americanos pelas autoridades de Washington, no mês que vem. A reclassificação obrigaria os bancos a ter de fazer reservas específicas no valor de 40% de seus ativos brasileiros e poderia levar muitos deles a desinteressar-se de vez pela negociação com o Brasil.